

Estudo 2 – Parábolas do Antigo Testamento

Aquele que Novo Testamento falou “muitas coisas em parábolas” é o mesmo que no Antigo Testamento moveu “santos homens de Deus” para que escrevessem a mensagem divina, falando-lhes algumas vezes por sonhos, outras por visões. Conforme diz Adda Habershon, havia uma mesma mente dirigindo tudo, e por isso as visões, tipos e parábolas que encontramos no Velho Testamento ajudam a compreender as parábolas de Jesus no Novo Testamento.

A compreensão do simbolismo encontrado no Antigo Testamento, bem como da história do povo de Deus e das profecias que nele estão, enriquece a compreensão não somente das parábolas, mas de toda a literatura do Novo Testamento.

O SIMBOLISMO NO ANTIGO TESTAMENTO

Provavelmente quando Jesus começou a ensinar por parábolas, alguns dos seus ouvintes já se sentiam um pouco familiarizados com esta abordagem. Primeiro, por que esta era uma forma conhecida de transmissão de conceitos e, segundo, por que todo o ritual encontrados nos livros da Lei, sabiam eles, era revestido de um conteúdo espiritual.

Quando Jesus falava sobre construir suas moradas sobre a rocha, seus ouvintes podiam recordar-se de Deuteronômio 32.31, que diz “Por que a sua rocha não é como a nossa rocha, sendo até os nossos inimigos juízes disto”. Havia confiança em Deus, como força e segurança em todos os tempos tal qual precisamos ter hoje.

Ao falar sobre os maus trabalhadores que se apoderam dos frutos da vinha, ao invés de permitirem que o seu proprietário desfrutasse deles (Mc 12.1-12) os fariseus sabiam que era deles que Jesus estava falando. Conheciam as escrituras e

podiam recordar-se de Isaías 5.7, que diz que Israel é a vinha do Senhor.

Numa referência ao sofrimento do povo, o salmo 80 conta a história desta vinha. O povo que fora trazido para fora do Egito recebeu um lugar especial onde pôde plantar suas raízes, e se encontra nesta passagem como a vinha da qual todos tiram os frutos indistintamente, onde pastam os animais do campo, que está cortada e queimada pelo fogo.

Um simbolismo que deve fazer com que a igreja de Cristo, hoje, lembre-se de que é um povo especial, chamado e cuidado pelo próprio Senhor da vinha e da igreja, e não permita que tantos hábitos e padrões estranhos à seara do Mestre se estabeleçam no seu meio.

IMAGENS ATUAIS

São muitas as pessoas que, em nossas igrejas, precisam de um cuidado especial a fim de que suas necessidades básicas sejam assistidas. E por mais que queiramos passar este cuidado adiante, dizendo que a igreja só se interessar pelo espiritual, isto é responsabilidade nossa.

Em 2Reis 4.1-7, encontramos a história de uma viúva que nada mais tinha para cuidar de si e de seus filhos e ainda os credores queriam levar o pouco que possuía. A chegada do profeta Eliseu é a maneira usada por Deus para solucionar o problema da mulher. Sem questionar, fez tudo o que o homem de Deus ordenara e obteve um suprimento de azeite que só podia ser definido como milagre.

O óleo ou azeite são figuras que, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, representam a unção e o revestimento do Espírito Santo, em todos os tempos. Aquela pobre viúva poderia ter pensado que as palavras do profeta referiam-se a uma profecia e aguardar, ao invés de cumprir sem questionar o que ele mandara fazer. Mas foi ao continuar enchendo

tantas vasilhas quantas ela conseguiu que pôde descobrir o significado do suprimento de suas necessidades pelo Espírito.

Temos duas lições que se aplicam sob medida para a igreja hoje: a primeira, de que mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico, métodos administrativos e facilidades que temos hoje, o Espírito Santo é insubstituível como fonte para providenciar tudo que a igreja precisa a fim de ser um canal sempre pronto a abençoar nossas vidas e de todos aqueles que buscam o cuidado de Deus.

A segunda lição é que, se desejamos alcançar a plenitude espiritual, precisamos estar dispostos a obedecer sem questionar. Se a viúva tivesse desprezado aquela pequena vasilha onde estava o azeite, ou feito como muitas pessoas fazem hoje: “Eu sei que tenho uma vasilha de azeite, mas quero alguma mais, isto não é o suficiente para pagar todos os meus débitos.” Ela precisou continuar enchendo muitas outras vasilhas até descobrir quanto possuía. Assim, Deus nos dá do seu Espírito na exata medida das nossas necessidades. Muitos de nós ficamos ansiosos por grandes manifestações de poder, esperando por um grande reavivamento. Mas quantas vezes não estamos deixando nossas vasilhas de azeite guardadas no armário, enquanto imploramos pelo seu enchimento?

UMA PARÁBOLA CONTRA O PECADO

Para mostrar a Davi que seu pecado não estava esquecido por Deus, o profeta Natã conta a ele uma parábola de injustiça cometida por um homem rico contra um pobre, (2Samuel 12.1-6). Parece uma história retirada dos jornais de hoje, quando a justiça parece que só funciona para aqueles que dispõem de recursos em abundância, em que quem tem dinheiro está sempre ganhando mais e quem não tem, por vezes, não conseguem o suficiente nem para comer.

O profeta mostra a Davi que ele era o homem rico da parábola, e que seu pecado, além de ofender a Deus, era também, motivo de zombarias para os inimigos do povo de Deus. Por tal razão, ele sofreria conseqüências sobre seu lar, de maneira que ficaria claro para todos que Deus não deixa o pecado impune.

Uma importante lição está presente neste episódio. Deus já havia perdoado Davi, da mesma maneira que sempre perdoa a quem peca e se arrepende, mas o filho resultante do adultério morreria. Deus perdoa o pecado, mas as conseqüências do pecado ficam e sofremos por causa disto. Mesmo com o arrependimento nem sempre é possível evitar os sofrimentos causados a quem comete o pecado, à sua família e à pessoa a quem ama.

A PARÁBOLA DE UM JUSTO

Em Jô capítulo 27 encontramos parte de uma passagem que segue até o capítulo 29, apresentada como uma parábola. Trata-se de uma passagem que fala de coisas sérias, de sabedoria, afirmações nem sempre fáceis de serem entendidas, expressas por frase metafóricas e alegorias. Conforme foi dito na lição anterior, esta era uma forma conhecida da literatura oriental, tal qual encontramos também em Nm 23.7, e define uma oração feita com grande liberdade de expressão, ousadia e confiança, em alta voz, carregada de muito sentimento.

Vinda dos lábios de Jô, não se encontra uma expressão de sofrimento ou lamento. Mas, sim, uma reafirmação de fé diante de Deus e dos homens e uma confirmação de seus sentimentos interiores. Dá provas de seu conhecimento das coisas do mundo e divinas, e encerra seu discurso acerca destas coisas do mundo e dos caminhos de Deus, reconhecendo mais uma vez Seu poder, majestade e glória.

A atualidade e contextualidade desta parábola, é indiscutível. Sobretudo ao reconhecermos que tantas vezes nos encontramos lamentando nossas dificuldades e tentando encontrar em Deus a razão de nosso sofrimento, ao invés de reconhecermos sua grandiosidade e majestade. E mesmo que reconheçamos nele a fonte da angústia que nos atinge, as declarações de Jô deveriam fazer parte também de nosso vocabulário, tal qual ele profere no cap. 27.2-4: “ Juro por Deus, o Todo Poderoso, que se nega a fazer-me justiça e me enche de amargura! Juro que enquanto eu respirar e Deus me conservar a vida, da minha boca não sairão falsidades, nem pronunciarei mentiras.”

O SIMBOLISMO PRESENTE

Muitos símbolos e imagens surgidos no estudo do Antigo Testamento contribuem para compreendermos passagens do Novo.

O tratamento que José recebeu de seus irmãos por causa da inveja deles, ao relatar seus sonhos, lembra a atitude dos cidadãos na parábola dos mordomos em Lucas 19.11-27. A expressão daqueles ao na administrarem bem os recursos do senhor que confiou neles foi: “ Não queremos que este reine sobre nós.” Não é uma expressão parecida com a daqueles que contestam nas nossas igrejas, hoje, todos os que assumem alguma posição de liderança e algumas vezes contestam até mesmo a autoridade espiritual de nossos pastores, simplesmente porque ocupam posição de liderança?

Os dois sonhos de José representavam parábolas em forma de visões. O primeiro falava dos molhos colhidos por seus irmãos que se curvavam diante do seu, e o segundo, do sol, da lua e de onze estrelas que também se curvavam diante dele (Gn 37.5-11); ambos representam uma mesma revelação

dada através de símbolos diferentes. Em uma, as figuras são terrenas, na outra, celestiais.

Assim também acontece na promessa feita a Abraão. Sua descendência é comparada com a areia do mar – figura terrena – e depois com as estrelas do céu – figura celestial. Descreve o povo de Israel com seus descendentes diretos, bem como o povo de Deus com sua descendência espiritual.